




Entrelaçados

Dos artesãos árabes do século XIII aos hippies dos anos 70, passando pelo reinado da rainha Vitória de Inglaterra, o macramé está agora no auge da sua criatividade, com acessórios de moda e peças decorativas

 SÓNIA CALHEIROS

Há seis anos, durante uma viagem de oito meses pelo Sudeste Asiático, em que teve o tempo necessário e a inspiração certa, Rita Prates Caetano começou a fazer micromacramé. Nas muitas horas que tinha livres percebeu que só precisava de fios e das próprias mãos para desenvolver o seu lado criativo. “Começando do nada e deixando a imaginação fluir, é possível transformar fios inertes em peças de bijuteria únicas

“**A SIMPLICIDADE DA TÉCNICA NÃO CAUSA STRESSE. ANDAMOS ALI A DAR NÓS AO SABOR DO VENTO**”

SOFIA CRAVEIRO
da Companhia das Agulhas

e originais. É uma técnica em que o *input* criativo do artesão é gigante, tal como a consequente sensação de ter criado algo novo”, explica.

O micromacramé é um tipo de macramé (técnica de tecelagem manual que consiste em nós dados em fios utilizando apenas as mãos) que utiliza fios de menor diâmetro, permitindo criar peças mais pequenas e com maior detalhe. Depois de uma primeira vida ligada à gestão, Rita Prates Caetano, 39 anos, encontrou na Natureza a sua maior fonte de inspiração para criar acessórios como brincos, colares ou

Criatividade White, o novo projeto hoteleiro em São Miguel, nos Açores, com peças de Diana Meneses Cunha, da Oficina 166

gargantilhas de cores garridas, num estilo mais clássico e hippie chic, uma espécie de filigrana repleta de design e personalidade que a distingue de outros artesãos, normalmente com peças monocromáticas e de cores térreas. “Gosto da ideia de ‘vestir a Natureza’ e de criar peças que nos ligam a ela e à nossa verdadeira essência.”

Passados seis anos, e com nove mil seguidores no Facebook, mais dois mil no Instagram, as suas peças já desfilarão num dos maiores acontecimentos de moda do Brasil, e são várias as figuras públicas que usam os seus acessórios, como a cantora Sara Tavares, a atriz Patrícia Bull ou a *blogger* Gabriela Pugliesi.

São cada vez mais as pessoas que querem aprender a fazer macramé. Que o diga Sofia Craveiro, da Companhia das Agulhas, espaço onde todos os meses se juntam cerca de trinta pessoas, entre aprendizes e conhecedores, para participarem nos workshops (€50-€55). Ninguém sai das aulas sem saber fazer a laçada inicial, o nó duplo, o nó diagonal e a laçada de remate – as quatro técnicas principais que estão na base do macramé. “Os nós mais complicados não passam de combinações dos anteriores”, simplifica Sofia Craveiro. Para uma das fundadoras da Companhia das Agulhas, com loja aberta na Rua Cardeal Mercier, em Lisboa – onde também vendem a matéria-prima, como cordão de algodão (€0,30 a €0,50 por metro), juta e trapilho de várias cores, tudo feito em Portugal –, esta é uma técnica bastante mais fácil do que a costura, o tricô ou o croché. “No macramé, conseguimos fazer bem em pouco tempo. A simplicidade da técnica não causa stress nem ansiedade no processo de aprendizagem. Andamos ali a dar nós ao sabor do vento. Repete-se o mesmo nó várias vezes, e essa repetição faz com que a mente trabalhe em sintonia com as mãos.”

UM ESTILO DE VIDA

O ano passado, em Frankfurt, na Alemanha, uma fábrica de têxteis de Guimarães deu nas vistas na Heimtextil, a maior feira mundial dedicada ao setor, graças ao seu *stand* todo feito em macramé. Com um pé-direito superior a seis metros de altura e vários painéis, a Oficina 166, de onde não saem duas peças iguais, usou 25 quilómetros de cordão de algodão. Diana Meneses Cunha, fundadora da

NÓS COM MUITA ARTE

São vários os artesãos nacionais que se dedicam ao macramé



1

RITA PRATES CAETANO

A artesã inspira-se na Natureza para criar peças de joalharia que se diferenciam pelas cores fortes



2

DEAR MACRAMÉ

Os porta-chuchas feitos por Sara Tschumi



3

BARBUDO ABORRECIDO

Dos suportes para vasos, Vasco Águas de Oliveira passou para grandes painéis decorativos

empresa, só faz peças únicas e exclusivas com os nós, que tanto se assemelham aos nós de marinheiro como o nó de laçada, a volta de fiel ou o nó direito. “Esta moda veio em força, mas não sei se aguenta mais um ano. A decoração boho chic é muito propensa à utilização desta técnica”, analisa Diana Meneses Cunha, cujos principais clientes são designers de interiores, hotéis e restaurantes. Numa casa de praia ou de campo, por exemplo, em vez de usar um varão de madeira, Diana escolhe belos troncos naturais para pendurar os seus painéis decorativos.

Por causa de uma gravidez que pedia descanso absoluto, Sara Tschumi, da Dear Macramé, começou a trabalhar o fio de algodão quando andava à procura de peças para decorar o quarto do bebé. O seu primeiro painel decorativo para pendurar por cima do berço não saiu muito bem, mas agora não tem mãos a medir às encomendas, quer dos quase dois mil seguidores no Instagram, quer da Etsy, plataforma online de venda de trabalhos artesanais, com pedidos que chegam dos Estados Unidos da América, da Suíça e de França. A sua maior dificuldade foi encontrar o fornecedor de fio de algodão natural e português, mas já conseguiu a matéria-prima certa.

Para Vasco Águas de Oliveira, conhecido como *Barbudo Aborrecido*, fazer macramé é como andar de bicicleta – aprendeu nas aulas de Trabalhos Manuais e nunca mais se esqueceu. Há três anos, desafiado pelas colegas de trabalho na área da Comunicação, recomeçou a fazer peças, e dos mais pequenos suportes para vasos passou para painéis decorativos de grandes dimensões, em que constrói a base em macramé e mistura técnicas de tecelagem, aplicando lã ou até folhas de vegetais. Consoante a peça, muda a matéria-prima, que tanto pode ser trapilho, fios de algodão, cordel ou camurça. As montras da loja Fashion Clinic, em Lisboa, já tiveram a sua assinatura numa peça de macramé, com quatro metros de altura, feita com fio elétrico, um material muito menos moldável e mais pesado. Para o *Barbudo Aborrecido*, o revivalismo é o culpado desta moda. “Atualmente, as redes sociais como o Pinterest ou o Instagram passam imagens do estilo de vida em que o macramé já se transformou. É como se voltássemos a casa dos nossos avós.” ■ scalheiros@visao.pt